

A pandemia da covid-19 e os dilemas da existência humana

Por Geraldo Balduino Horn e
Alexsander Machado

Como diz um antigo ditado: “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. Perigo de todos os lados e de todas as naturezas. Dois deles são, hoje, o calcanhar de Aquiles da população brasileira, especialmente, para aqueles que vivem do trabalho ou não têm trabalho para viver. De um lado, a pandemia do vírus Covid-19 que transformou nossas casas em verdadeiros confinamentos humanos. Levou-nos a rever o modo de observar, analisar e fazer as coisas. A lógica que estrutura nosso cotidiano mudou, o que antes era observado de fora agora tem que ser observado *de e por* dentro e o que de fora se via não mais se apresenta como antes, aparentemente. De repente, uma cinzenta nuvem paira sobre o esclarecido novo mundo e o “penso, logo existo” se esvaiu embaralhando as peças do jogo da razão eficiente. A aparência se confunde com essência, bom senso com elucubração, ser com não-ser, casos confirmados com subnotificados, cloroquina com milagre. De outro lado, um vírus tão letal quanto o Covid-19, o vírus da intolerância, da truculência, da insensatez, da ignorância personificada na figura do presidente da República. Demonstração de um triste cenário da necropolítica nacional. Contraditoriamente, esses tempos sombrios, de fome, miséria e sofrimento instigam, talvez por isso mesmo, o que há de mais propriamente humano no humano: a capacidade de resiliência, de resistência, de reflexão e de criação.

O Sísifo desta edição traz à tona, a partir de crônicas e relatos pessoais e coletivos, a força vital da existência humana, do instinto de sobrevivência, da necessidade da reinvenção de si e do Outro. Everton Marcos Grison com a crônica “Na pandemia a vida pulsa” revela o vertiginoso cotidiano de um professor ao acordar numa certa manhã de sábado. Em seguida, Laersio Falcade, por meio de sua crônica mostra a crise existencial de Madalena que busca no mundo da ciência racional uma explicação para caos (a crise da Covid-19), mas não a encontra. Já Rúbia Carla Santi traz em sua matéria os desafios da prática docente em tempos de educação a distância. Por fim, Giovanna Correia Pazin, Luana do Carmo Rodrigues e Mariana da Silva de Souza analisam a situação da permanência das moradoras da Casa da Estudante Universitária Curitiba (CEUC) em tempos de Covid-19. O texto denuncia o fato da Universidade Federal do Paraná não dar o devido atendimento nem voz às moradoras.

Na pandemia a vida pulsa

Por Everton Marcos Grison

Sábado. Acordo e o WhatsApp está vertendo mensagens nos grupos de escolas e de professores. Muitos, muitos mesmo, baixaram o aplicativo da Aula Paraná e sofrem com as incertezas, falta de informação, com dificuldades. São 8h da manhã. 8h da manhã de um sábado. Outros enviam *prints* dos *chats*, de algumas mensagens inacreditáveis. São verdadeiras? Pouco importa. O que importa é que são 8h da manhã de um sábado. Estamos isolados devido a proliferação do coronavírus. Outros professores assistem às aulas na TV, nos novos canais criados: 7.2, 7.3, 7.4... O relógio parou e marcam 8h da manhã. Todos fazendo *home office* além da conta. Tem limite de tempo nessa orquestração de trabalho, já que o celular é o principal instrumento de trabalho? Não soltamos o celular e, portanto, não deixamos de trabalhar. Curiosamente quando estamos em casa, em isolamento, estamos trabalhando freneticamente. Sempre estivemos, pois ser professor é padecer do mal da profissão totalizante: tudo é trabalho ou se torna material, exemplo ou atributo para aulas e indicações aos alunos. Baixo o aplicativo também. É a vida. Ninguém está isento. Abro. Lembro que é sábado, em um pequeno lapso de memória. Amigos e colegas estão reclamando do aplicativo no grupo da escola, no WhatsApp: “Como faz isso?”, “Como ficarão aqueles?”. Largo o aplicativo e lembro do livro de José Saramago: *Intermitências da Morte*, o qual estou lendo. Lá fora o Sol se apresenta. Desisto do aplicativo, não retomo a leitura do livro. Decido atender os gritos da Helena Sofia, reclamando de que o seu desenho está travado. Ela também não pode esperar. Está em isolamento desde... Faz tempo. Desisto dos pensamentos também. Coloco uma touca e uma blusa, para parecer um pouco doente diante dessa situação de isolamento, buscando esconder que sou privilegiado por estar em casa, enquanto muitos estão expostos ao vírus nos seus ambientes de trabalho, que não suspenderam as suas atividades. Não é privilégio. É necessidade e obrigação. Tanto faz. Abro a porta da sacada e percebo que, conosco ou não, a vida continua se movimentando. Prova disso é que o bonsai de amora está com novas frutas maduras. A vida continua. Já não somos os mesmos de antes da pandemia. Mas quando fomos alguma coisa, para além de arremedos que se orgulham em trabalhar sempre? Melhor estar empregado que desempregado. Já imaginou? Verdade. Eu sei como o desemprego é enlouquecedor. Quantos vão tombar hoje? Não sei. O boletim não saiu. Ainda são 8h da manhã!

Entre o caos e a razão: uma crônica dialética existencial

Por Laersio Falcade

Finalmente Madalena terminara de montar seu quebra-cabeça de mil peças; comprara para enfrentar a si mesma na sua mais completa solidão. Há mais de vinte dias vivia, assim como o mundo todo, o isolamento que a fez perceber a si mesma e o real, numa relação dialética entre o fragmento e a totalidade. Observando a estampa que nascera da obra pensou:

“A razão é incrível, amo Aristóteles! Ele, com seu primeiro motor imóvel, trouxe sentido à existência: junto com ele veio a razão, a metafísica, a arte e depois a ciência. Tenho a sensação de felicidade e a vida pode ser até divertida.”

Enquanto passava pelo quadro montado, em seus dias posteriores, algo de estranho via na obra pronta. Instalou-se em sua mente a dúvida: da ordem aristotélica à existência do Caos. Ocorre que duas deusas resolveram travar uma luta entre si pela supremacia do universo. Pobre Madalena! As deusas usaram de campo de batalha o globo da morte de seu crânio e ali dentro sucederam-se dias e noites de guerra pela tal supremacia.

Madalena entrou num estado letárgico de dezenas de sentimentos. Mas não eram sentimentos conhecidos como aqueles de dias atrás antes da solidão do isolamento. Tais deusas que agora lutavam, cada uma com suas legiões, provocaram em Madalena a mais estranha sensação de impotência. Toda vez que olhava para seu quadro, composto por centenas de fragmentos, o via sempre mais caótico e menos racional. Aqueles retalhos de peças eram como a expressão do caos do universo.

E até aquela criança da sua estampa já era feia, satânica e agressiva. Pensou Madalena, então, que se tratava da guerra instalada em seu crânio.

Mas que sensação desigual: toda vez que a deusa Covid vencia, a pobre mortal via o caos instalado em sua obra e, por vezes, quando essa perdia a batalha, Madalena recobrava a lucidez racional da grande Deusa da lógica. Era a guerra entre a Deusa do Caos e a Deusa da Lógica.

Essa batalha - como uma boa marxista que era Madalena - já tinha sido compreendida como sendo a expressão da luta dos contrários. Mas a sensação não era desse mundo. Podia ser porque o mundo pronto e acabado, aristotélico-tomista teria sido atingido pela enigmática Covid. Madalena não sentia agonia, mas uma sensação de

afogamento; podiam ser efeitos colaterais da batalha entre a Razão e o Caos.

Pensava Madalena, “Não posso me eximir de analisar essa guerra, afinal sou uma pensadora, estudei, Filosofia, Cosmogonia, Cosmologia e até Teologia além disso tenho orgulho e honra. Como faço para inferir a vitória dessas duas deusas?”

Madalena não estava doente, mas sentia-se exaurida como um moribundo de cem anos. Uma sensação simultânea de potência e Impotência.

Pensou que para entender o fenômeno que se sucedia em seu crânio era necessário sair de seu confinamento mental e expandi-lo pelo universo. Mas, como fazê-lo uma vez que duas deusas do universo tinham se introjetado em sua mente? Seria impossível. Decidiu então encarar a si mesma. Poderia estar ali, consigo mesma, a chave de todas as respostas.

E, realmente estava.

Cogitando por longo tempo a questão, percebeu que aquela luta das deusas desiguais estava por toda a parte. Por todo o canto onde olhava via a imagem, ora reta ora torta da realidade. “Será que era isso a percepção da dialética entre a ordem e o caos? Nós, pobres mortais fomos sempre estátuas de sal, olhando pro mesmo lado; olhando sempre pro mesmo mundo; constituído pela razão, verdade, ciência, evolução, filosofia, teologia, sendo veículos úteis da deusa da ordem que, perversamente, nos escravizou com suas fórmulas de verdades?”

Madalena, questionando a si mesma em frente ao espelho, inquiria: somos nós os idiotamos usados que trocamos nossa vida pela deusa perversa até os últimos dias da existência? Adotamos todos esses arquétipos, de verdade e mentira, certo e errado apenas para nos iludirmos?

Deitada na cama adormeceu, porém antes de entrar nas profundezas de Morfeu, o deus do sono, ouviu a voz:

- Aproveitei a trégua para te falar, pobre mortal Madalena, o que vi em minha história vagando pelo universo. Eis o que vi: "Em qualquer canto do universo, difundido no brilho de inumeráveis sistema solares, existiu certa vez um astro e nele animais inteligentes inventaram a verdade. Foi o minuto mais arrogante e ilusório da história do universo, mas não foi mais que um minuto. Com apenas alguns suspiros da natureza, a estrela se congelou e os animais inteligentes logo tiveram que morrer". Muito prazer, sou Covid a Deusa do Caos.

Crise existencial acadêmica x pandemia da covid-19

Por Rubia Carla Santi

Na verdade, não se sabe ao certo se todas as doenças são passíveis de cura em nosso universo, mas acredita-se que todas são ocasionadas por uma desarmonia em nosso sistema. Sendo o mundo um reflexo do nosso interior, é preciso indagar como se está enfrentando todas as extensões dessa nova pandemia e até que ponto ela está desestabilizando nossa estrutura emocional para passar por essa realidade? Uma realidade que assusta e assombra por todos os lados: empresas, instituições, mundo educacional, mundo econômico, sistema de saúde,.. e com essa, se descobre o caos em que o mundo se encontra em todos os sentidos.

Como será que as pessoas estão passando por esse desequilíbrio? A forma como se encara os desafios sejam quais forem demonstram muito do que a evolução humana têm para ver o pior resultado que a pandemia Covid-19 está causando: o “terrorismo psicológico”, isso por se tratar de uma situação nova, onde ninguém sabe exatamente o que fazer e onde, as rotinas foram totalmente desarticuladas.

Como Coordenadora Pedagógica Institucional de um Centro Universitário na cidade de Ponta Grossa – Paraná, onde se tem instalado um universo acadêmico bem fortalecido de muitas Instituições de Ensino, compartilho que se vive “dias pedagógicos” muito difíceis em que o medo se instaura, as informações recebidas trazem muita preocupação e reafirmando novamente, as pessoas não sabem o que exatamente devem fazer e que atitudes tomar frente a esse novo vírus. A Instituição de Ensino em que me refiro anteriormente passa por uma alteração dentro de uma nova realidade de ensino em que a tecnologia em Ensino à Distância está presente, pressupondo aos acadêmicos um distanciamento entre aluno e professor. Dentro disso em termos de Brasil não se está preparado para essa oferta de ensino, nem tanto por parte de quem recebe: os alunos, e nem por parte de quem oportuniza essa educação: os professores.

Aí sim se concorda que há um distanciamento, isso porque se idealiza uma “educação perfeita”, uma educação preparada para todas as instâncias e para todas os enfrentamentos. Mas, sabe-se que na realidade um percentual de acadêmicos não tem nem acesso a essa educação à distância, em que tecnologia é ainda muito restrita.

Então, novamente vêm à tona a questão sobre uma readequação perante esse momento e literalmente torna-se necessário “pegar nas mãos de nossos acadêmicos” na arte de ensinar. A perspectiva para um ensino edificante é a de solidificar as relações humanas, sendo fundamental um trabalho mais ousado, ativo e atuante nas relações humanas, que talvez durante todo esse tempo esteja um tanto quanto ausente. Preocupava-se em cumprir plano e metas pedagógicas, e descurava-se um tanto quanto com o aprendizado do aluno no sentido humano, das suas reais dificuldades para se chegar a esse universo do conhecimento universitário.

Uma prática docente precisa germinar as potencialidades das pessoas combinando os meios mais eficientes possíveis, sendo necessário estimular educadores a romper com sua zona de conforto e sair da esfera de “comodismo” em praticar uma ineficaz educação reprodutiva. Torna-se fundamental fazer um pedagógico participativo, por meio das ferramentas de ensino adequadas, pontuando a capacidade de superação do indivíduo, mediante os avanços da tecnologia e a expansão do conhecimento; ou seja, preparar verdadeiramente o aluno para o mundo, bem como para as questões que a vida lhe apresenta.

A questão está posta e não se sabe ao certo por quanto tempo se terá que adaptar a essa nova modalidade de ensino. O mundo está em transformação nas questões de sustentabilidade, tecnologia e valores humanos. Inúmeros educadores, nas últimas décadas, buscaram refletir sobre essa contextualização de “educar para a vida”. Como atores dessa relação principalmente nesse contexto em que delicadas e profundas mudanças estão ocorrendo, pensa-se no significado que se dá aos profissionais na ousada transmissão de conteúdos e se analisa se realmente o professor é capaz de suprir as necessidades de seus alunos no ato de ensinar à distância. Educadores nos parâmetros analisados não podem ser meros mentores.

Não se pode considerar o professor como uma autoridade, mas sim, a autoridade deve ser o argumento do professor. Compete dessa maneira o compromisso de desafiar o aluno a pensar além da sala de aula e faz-se necessário preparar os educandos para o contexto global, como a que se está vivendo frente a essa pandemia Covid-19.

O cenário é outro e os desafios também se tornam diferentes. Estamos aptos e preparados para esse novo cenário no mundo educacional?

Fonte da imagem: Jornal O Globo
(<https://images.app.goo.gl/9PrdUPu2AYjRR1kK7>)

Permanência estudantil em tempos de Covid-19: as especificidades das moradoras da Casa da Estudante Universitária Curitiba (CEUC)

**Por Giovanna Correia Pazin
Luana do Carmo Rodrigues
Mariana da Silva de Souza**

Moradoras e integrantes do departamento de comunicação da CEUC

Devido à pandemia causada pelo novo coronavírus, as autoridades públicas de saúde têm orientado a população mundial a adotar medidas de higiene e segurança. As pesquisas científicas atuais ainda não apontam tratamento eficaz ou cura para o vírus. Por isso, o isolamento (ou distanciamento, quando necessário) social é vital em um país que já ultrapassa a marca de 160 mil casos e 11 mil mortes - dados apurados até 11 de maio.

Considerando o avanço do contágio do Covid - 19 no Brasil, a Universidade Federal do Paraná suspendeu as atividades letivas presenciais e os serviços prestados pelos Restaurantes Universitários e Intercampi em 16 de março - a retomada de atividades estava prevista para o dia 30 de março. Em virtude do aumento do número de casos de coronavírus, no dia 22 de março o reitor Ricardo Marcelo Fonseca anunciou a suspensão das atividades presenciais até o dia 02 de maio. Em 22 de abril, o Conselho das Entidades de Base se reuniu para discutir, sob a ótica dos estudantes, o possível retorno de atividades acadêmicas não-presenciais. Diversos CAs e o DCE se posicionaram contra a proposta do ensino remoto, no entanto, a situação e especificidades das Casas de Estudantes durante a quarentena não foram pautadas. Em 30 de abril, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE - UFPR), decidiu por suspender o calendário acadêmico por tempo indeterminado (Resolução 42/2020 - CEPE), no entanto, aprovou uma resolução - em caráter especial - que permite a retomada de algumas atividades em caráter remoto (Resolução 44/2020 - CEPE).

A Casa da Estudante Universitária de Curitiba, fundada em 21 de agosto de 1954, é pessoa jurídica de direito privado, sem fim econômico, com autonomia administrativa e duração indeterminada. Segundo o próprio estatuto, tem por finalidade acolher graduandas da UFPR não domiciliadas em Curitiba, carentes de recursos financeiros, oferecendo-lhes ambiente propício ao desenvolvimento da personalidade e estímulo à solidariedade universitária. Localiza-se em prédio cedido pela UFPR, e por isso toda sua manutenção estrutural é de responsabilidade da instituição. De forma simples, a CEUC pertence à Universidade, apesar de não ser assim reconhecida pela Pró-reitora de Assuntos Estudantis (<http://www.prae.ufpr.br/prae/vida-academica/casas-estudantis/>).

O quadro de moradoras da CEUC é composto por mais de 100 mulheres; deste número, estima-se que 40 não

conseguiram viajar para a cidade de origem antes da quarentena ou tem a Casa como sua única morada. Para as que ficaram, o ambiente de estudo está em condições precárias. A Casa possui oito computadores, mas quase 25% das moradoras não possuem equipamentos que possibilitem atividades remotas. No final de março, as estudantes ainda tiveram que lidar com um incêndio no quarto de uma das moradoras, o qual continua inutilizável pois não recebeu nenhuma manutenção. Após o fato, a situação da parte elétrica do prédio tem sido negligenciada pela Superintendência de Infraestrutura (SUINFRA-UFPR). Lâmpadas e chuveiros que queimarem não serão consertados pela equipe responsável; a manutenção pelas próprias moradoras é proibida.

Quanto às moradoras que voltaram às suas cidades, muitas não conseguem manter a rotina de estudos que tinham, principalmente em termos estruturais - já que a CEUC oferece salas de estudos, internet e uma rede de apoio entre as moradoras. Além disso, quase 76% dessas estudantes moram com pessoas que são do grupo de risco da Covid-19, o que demanda cuidado e atenção redobrados.

Com a quarentena, o trabalho doméstico das moradoras foi intensificado. Há pouco tempo, a CEUC teve seus fogões a gás trocados por fogões elétricos de 4 bocas; em alguns andares só se encontram fogões de duas bocas - fator que dificulta o preparo das refeições, redobrando o trabalho. As limpezas das áreas comuns (escadas, térreo, elevadores, sala de estudos) que antes eram realizadas pelas terceirizadas da UFPR, agora ficam a cargo das moradoras. Além do aumento da carga horária de trabalho doméstico e de higienização que esta pandemia necessita, podemos ver como as/os trabalhadores/as terceirizados/as são essenciais para a permanência estudantil. Isto só mostra como a retomada do calendário acadêmico - de forma remota - se torna problemático ao pensar a vivência das moradoras da CEUC e de todos os estudantes de baixa renda da UFPR.

Pelos fatores elencados, nós, moradoras da Casa da Estudante Universitária de Curitiba, acreditamos que é dever da Universidade Federal do Paraná dar voz às moradoras da CEUC, bem como todos os moradores de casas estudantis e de baixa renda, ao pensar a permanência estudantil de uma forma real e concreta. Nossas fragilidades vão além de se ter acesso a internet. O calendário acadêmico só poderá ser retomado a partir do momento em que existam alternativas para suprir as necessidades desses estudantes. Caso contrário, implementar atividades remotas, só nos excluirão ainda mais de uma vivência universitária sem prejuízos

.Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA
jornalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexander Machado